

As unidades fraseológicas com zoônimos: inserção e delimitação morfológica nos dicionários monolíngues UNESP e Houaiss

Rosana Budny^{*}
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão^{**}

Resumo: O artigo apresenta parte de uma pesquisa que se insere na área da Metalexicografia e na da Fraseologia. Nela se investigam unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários monolíngues UNESP (2004) e Houaiss (2007)¹ e seus equivalentes de tradução em dicionários bilíngues português-inglês/inglês-português. Para o escopo deste artigo, tomam-se por base reflexões teóricas de alguns estudiosos da área como Corpas Pastor, 1996; Xatara, 1998; Pérez, 2000; Ortíz Alvarez, 2000, 2001; Welker, 2004, 2008 na tentativa de encontrar parâmetros para descrever aspectos relacionados com a inserção e a delimitação morfológica das unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários mencionados. Os dados demonstram que nem sempre a entrada desse tipo de expressões obedece aos parâmetros estabelecidos nos textos iniciais dos referidos dicionários. Esta pesquisa pretende dar a conhecer o tratamento oferecido a unidades fraseológicas com zoônimos no âmbito dos dicionários citados. Outra justificativa para o levantamento desses dados é o entendimento de que, dependendo do posicionamento da entrada das unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários, torna-se difícil sua identificação por parte do usuário, o que pode ocasionar-lhe perda de tempo na busca das informações desejadas.

Palavras-chave: Unidades fraseológicas com zoônimos. Ordem de entrada. Dicionários monolíngues.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação nos Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: rosanabudny@ufgd.edu.br

** Professora da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, Bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPQ e Coordenadora do projeto DiCoPoEs. E-mail: adja@cce.ufsc.br

¹ Em sua versão eletrônica.

Abstract: The article presents part of a survey within the Metalexicography and the Phraseology area. On it one investigates phraseological units with zoonims in the monolingual dictionaries UNESP (2004) and Houaiss (2007) and also their equivalents of translation in Portuguese-English bilingual dictionaries. For the scope of this article, theoretical foundations are based on some researchers from the area as Corpas Pastor, 1996; Xatara, 1998; Pérez, 2000; Ortiz Alvarez, 2000, 2001; Welker, 2004, 2008 in the attempt to find parameters to describe related aspects with the insertion and the morphologic delimitation of phraseological units with zoonims on the mentioned dictionaries. The data show that not always the entry of this type of expressions meets the established parameters in the initial texts of the cited dictionaries. This research aims at presenting the treatment offered to phraseological units with zoonims in the scope of the cited dictionaries. Another justification for these data raising is the understanding that, depending on the positioning of the insertion of phraseological units with zoonims on the dictionaries, their identification becomes difficult for the consultant, which may cause him/her loss of time in finding the desired information.

Keywords: Phraseological units with zoonims. Entry order. Monolingual dictionaries.

Introdução

Em todas as línguas existem enunciados populares surgidos em diferentes momentos da história de cada língua e que são usados por todos os falantes nas mais variadas situações cotidianas da vida. Estes enunciados servem para verbalizar emoções, necessidades e opiniões, etc.

As frases populares que acabamos de mencionar adaptam-se constantemente às necessidades comunicativas de cada momento, no movimento dinâmico da língua. Esses fraseologismos caracterizam “idiossincrasias ou posturas” que se moldam à moral estabelecida ou aos costumes (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2002, p.162). Conforme observa a mesma autora,

[...] é através da fraseologia que as singularidades da língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2012, p.11).

Porque essas frases populares (cientificamente chamadas de unidades fraseológicas) fazem parte dos diálogos de todos os dias justifica-se que elas estejam presentes tanto na reflexão lexicográfica como nos repertórios lexicográficos.

Revisam-se, neste artigo, aspectos concernentes às unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários UNESP (2004) e Houaiss (2007),

os quais fazem parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida em nível de doutorado.

Este estudo pretende discutir questões relativas às unidades fraseológicas, especificamente as que tomam emprestados da Zoologia os nomes de animais e que deles se utilizam para formar as *expressões idiomáticas* ou *metáforas zoonímicas*, ou, ainda, *expressões zoonímicas*, as quais, neste trabalho, chamar-se-ão *unidades fraseológicas com zoônimos* (doravante UFz). Esta pesquisadora define as unidades fraseológicas “com zoônimos” como estruturas frásicas mais ou menos fixas formadas por duas ou mais palavras ortográficas, sendo, ao menos uma delas um zoônimo, cujo conjunto se constitui um bloco significativo de sentido e que expressa (geralmente, metaforicamente) sentido peculiar ligado ao patrimônio linguístico e cultural de um povo.

A metodologia empregada nesta pesquisa consistiu na digitalização de todos os verbetes com nomes de animais nesses dicionários (monolíngues e bilíngues) e na compilação das unidades fraseológicas presentes, bem como no levantamento de possíveis UFz nas sessões de vocabulário dos livros didáticos do PNLD. Os dados levantados formaram o *corpus* que fundamenta o recorte apresentado no presente artigo.

Um dos aspectos observados é o de que a inserção de UFz nem sempre segue as instruções de ordenamento dadas na introdução dos dicionários em análise, mas este é um problema relativamente sério porque a ordem definida para a disposição das UFz na nomenclatura pode ou dificultar ou facilitar a localização e a busca por definições. O modo de incluir as unidades fraseológicas no dicionário tem que ser de estudos por parte dos lexicógrafos (WELKER, 2003, p. 50 *apud*, WELKER, 2004, p. 103)². Segundo Pérez (2000, p. 13), “apesar da proliferação de dicionários e repertórios fraseológicos nos últimos anos, o conteúdo das obras lexicográficas mais recentes confirma que a situação não tem mudado muito no que diz respeito ao modo de incluir os

² Welker refere-se à sua obra escrita em alemão cf. referência a seguir: 2003. *Zweisprachige Lexikographie: Vorschläge für deutsch-portugiesische Verbwörterbücher*. München :Utz.

elementos fraseológicos no dicionário”.³ O usuário poderá não encontrar facilmente a expressão que procura, pois como afirma Welker (2004, p.103), “é preciso que haja remissões para essas entradas” ou ainda, “que se explique muito bem, na introdução, como o consultante deve proceder para achar lexemas polilexicais”. Similar é o pensamento desta pesquisadora que tem investigado aspectos relacionados às unidades fraseológicas com zoônimos, na tentativa de dar a conhecer o atual estado dessas unidades nos dicionários escolhidos para a pesquisa.

1 A Fraseologia e as chamadas “unidades fraseológicas”

As expressões idiomáticas, fraseologismos ou unidades fraseológicas são estudadas no âmbito da Fraseologia. Entre as características dos fraseologismos estão a polilexicalidade, ou seja, o fato de serem formados por mais de uma palavra gráfica, a relativa fixidez, isto é, o fato de sua composição deter certa fixidez (WELKER, 2004, p. 164). No âmbito da Fraseologia, a expressão “unidade fraseológica” vem ganhando adeptos entre a maioria de filólogos europeus e soviéticos⁴ e também entre os pesquisadores brasileiros. As unidades fraseológicas se caracterizam por serem “expressões formadas por várias palavras” e por “estarem institucionalizadas”, sendo esses traços aceitos por vários estudiosos (Cf. CORPAS PASTOR, 1996, p. 19). Pode-se entender melhor o termo com base em definição mais elaborada de Corpas Pastor. Segundo a autora, as unidades fraseológicas se constituem “objeto de estudio da fraseología, unidades léxicas formadas por más de duas palabras gráficas, en seu límite inferior y se situa en nivel da oración compuesta en seu límite superior” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20). Uma particularidade das unidades fraseológicas é que elas não se constituem enunciados completos

³ “En especial interesaba proponer un método de inclusión de estas unidades en el diccionario pues a pesar de la proliferación de diccionarios y repertorios fraseológicos en los últimos años, el contenido de las obras lexicográficas más recientes parecen confirmar que la situación no ha cambiado mucho por lo que respecta al modo de incluir los elementos fraseológicos en el diccionario.”

⁴ Segundo Corpas Pastor (1996, p.18); (Pérez, 2000, p. 13).

⁵ “[...] objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20).

como os provérbios, por exemplo, e, geralmente, funcionam como elementos da oração (CORPAS PASTOR, 1996, p. 88).

Além da polilexicalidade e da relativa fixidez alguns fraseologismos apresentam a idiomaticidade (ou idiomatismo) que significa “que o significado do todo é diferente da soma dos significados das partes” (WELKER, 2004, p. 165; TAGNIN, 1989, p. 13). A idiomaticidade é um valor adquirido, compartilhado pelos falantes de uma determinada língua e cristalizado pela frequência do uso. Por carregar um valor não detectável à primeira vista, essa característica pode constituir um problema para o aprendiz de línguas estrangeiras que tenta decifrar seu significado pelo valor denotativo que suas unidades léxicas possuem. Xatara (1998, p.169) afirma que não há “consenso com relação ao termo idiomatismo”, o que há são “definições muito pouco consensuais, propostas por linguistas de diferentes teorias sobre o léxico”. Além do aspecto mencionado, ressalte-se que “não há limites precisos entre fraseologismos idiomáticos e não idiomáticos” (WELKER, 2004, p.164), carecendo de mais estudos para buscar a uniformidade das UFz quanto à delimitação morfológica, em virtude da grande dinamicidade que constitui seu emprego pelos seus falantes.

Há, ainda, algumas categorias recorrentes com relação às UFz. Welker (2004, p.165) propõe a seguinte classificação:

- fraseologismos idiomáticos – o significado conjunto da expressão idiomática já se destacou da soma de seus elementos e contrasta com o significado das unidades léxicas que os compõem; Ex.: “estar em palpos de aranha” e “estar com minhocas na cabeça”, “pensar na morte da bezerra” etc.

- fraseologismos parcialmente idiomáticos (ou semi-idiomáticos) – pelo menos um componente mantém seu significado literal. Ex.: “**agarrado**” como “carrapato”; “**chorar**” como “bezerro desmamado” etc.

- fraseologismos que se aproximam dos não idiomáticos – segundo Welker (2004, p.166), quando deles se encontra um significado literal, porém também são usados em sentido figurado. Ex.: “como sardinha em lata”; “pegar o boi pelo chifre”; “lavar a égua”, etc. Ainda assim, devido às situações de uso,

não se pode afirmar categoricamente que a delimitação proposta seja definitiva, pois podem ocorrer novos contextos para o fraseologismo o que implica em mudança de categoria. Acredita-se que se podem nomear os fraseologismos “que se aproximam dos não idiomáticos” de metáforas zoonímicas⁶ (ROMÃO, 2011, p. 1), pois expressam em seu conteúdo “tecido imagético que ostenta figuras de animais” e, dessa forma, veiculam uma imagem que pode ser decifrada analogamente, por exemplo, “ser uma baleia”, “como barata tonta”, “ser bicho do mato”, “comer como um boi” etc. Pontue-se, contudo, que, nos estudos sobre os fraseologismos, tem-se tentado delimitar fronteiras precisas entre fraseologismos idiomáticos e não idiomáticos, assim como estabelecer critérios de fixidez para os mesmos, no entanto sabe-se que o critério de fixidez é relativo.

A necessidade de estudar os fraseologismos é compreensível, a despeito da complexidade que os cercam. Na pesquisa mencionada, priorizam-se as UFz, pois há na língua portuguesa uma infinidade delas⁷, que estão em constante uso pelos falantes da língua, denotam aspectos peculiares em uma conversa informal, apresentam traços estilísticos que não querem ser substituídos por outras unidades léxicas e evidenciam marcas de uso que as identificam como pertencentes a um determinado registro. Esse, entre outros aspectos, faz que as UFz tenham que ter suas significações dicionarizadas nos monolíngues e suas equivalências vertidas nos dicionários bilíngues.

Procede-se, aqui, à apresentação de aspectos observados quanto à inclusão e à delimitação de algumas UFz nos dicionários UNESP (2004) e Houaiss (2007).

⁶ [...] No espaço linguístico-cultural do Português do Brasil, existe uma série de fraseologias (expressões idiomáticas, expressões feitas, provérbios, colocações etc.), cujo tecido imagético ostenta figuras de animais. Da mesma maneira, no espaço linguístico-cultural dos países de língua alemã, existe uma imensa variedade de fraseologismos que utilizam **metáforas zoonímicas**. Quando inseridas no grupo de animais supostamente universais na ótica do mundo ocidental, tais metáforas não costumam causar grandes problemas ao se buscarem correspondentes numa e na outra língua (TITO ROMÃO, 2011, p. 1) Anais do SILLIC - I Simpósio Internacional de Lexicografia e Linguística Contrastiva.

⁷ Até o presente momento de nossa pesquisa, constataram-se 227 UFz.

2 Ordenamento de entrada de UFz nos monolíngues Houaiss (2004) e UNESP (2007)

Para a análise do ordenamento de entrada das UFz nos dicionários monolíngues UNESP (2004) e Houaiss (2007), observaram-se algumas orientações introdutórias quanto à localização das referidas unidades no conjunto das unidades léxicas (doravante UL) dispostas na macroestrutura. As instruções a seguir encontram-se na introdução do monolíngue UNESP e orientam a ordem de entrada das fraseologias como se segue:

[...] o critério de entrada foi o da delimitação morfológica e dependência ou vinculação semântica. Assim, constituem entradas [...], todas as lexias que formam sintagmas independentes. Isso quer dizer que as expressões introduzidas por preposição, artigo ou verbo [ex.: de cabo a rabo; dar de ombros; o fino] e as frases feitas [ex.: Duro com duro não faz bom muro] constituem subentradas. Tais expressões e frases feitas entram pelo primeiro item lexical. Por exemplo, de pernas pro ar entra em perna; ver navios entra em ver; macaco que muito mexe quer chumbo entra em macaco; matar dois coelhos com uma cajadada entra em matar. Por dependência ou vinculação semântica entenda-se a existência de traços semânticos comuns entre itens que, contextualmente, podem ocupar classes diferentes [ex.: velho (adj e S); complementar (V e adj); jantar (V e S)]. (UNESP, 2004, p. vii).

Como se observa na citação, o dicionário UNESP informa que as expressões e frases feitas entram pelo primeiro item lexical; não se encontra na macroestrutura e nem mesmo nas orientações introdutórias o que os autores entendem por item lexical o que dificulta a busca pelo usuário; no entanto, o dicionário fornece alguns exemplos: “de pernas pro ar” entra em “perna”; “ver navios” entra em “ver”; “macaco que muito mexe quer chumbo⁸” entra em “macaco”; “matar dois coelhos com uma cajadada” entra em “matar”.

Com base na configuração informada, procedeu-se à busca de algumas UFz que fazem parte da pesquisa em andamento. Cita-se aqui um exemplo ilustrativo. “Boi ladrão” (no UNESP) que faz parte da UFz maior “apanhar como boi ladrão”, (registrada dessa forma no Houaiss) não seguiu as orientações mencionadas. Caso a UFz fosse considerada por inteiro, ou seja, “apanhar como boi ladrão”, ela poderia ter sua entrada ordenada pelo verbo “apanhar”,

⁸ Não esclarece também o que entende por “frases feitas” uma vez que classifica os provérbios “macaco que muito mexe quer chumbo” e “matar dois coelhos com uma cajadada” como frases feitas. Segundo Silva (1998, p. 17), frase feita não se constitui texto, mas está ao nível do léxico e do sintagma. Possui forma variável, tem sentido incompleto e funciona como sintagma e não como frase. Define-se como “locução fossilizada em sua forma e em seu sentido, que perde um pouco de sua autonomia ou independência para se tornar parte integrante da cadeia da fala” (SILVA, 1998, p. 17).

direcionamento este, seguido na primeira busca efetuada com base nas normas iniciais de ordenamento. Como a UFz não foi encontrada dessa forma, considerou-se o primeiro item lexical, ou seja, “boi” na UFz “boi ladrão”. No entanto, a UFz não foi encontrada pelo primeiro item lexical e sim ordenada pelo item lexical “ladrão”, segundo elemento na ordem da UFz, o que, conforme entendimento desta autora, foge à regra estabelecida na introdução.

Um aspecto que se pode observar da análise das UFz é quando estas precisam de um verbo de ligação para sua utilização. O dicionário Houaiss apresenta instrução específica no que concerne ao verbo ser e registra que “as acepções verbais que não puderam ser definidas em metalinguagem de conteúdo o foram em metalinguagem de signo, (veja o verbo **ser** no dicionário) [...] (HOUAISS, 2007, p.xxii)”. A busca pelo significado do verbo ser, entre as muitas acepções que apresenta, esclarece que:

SER 1 em sentido relativo, us. em orações que dizem como ou com que aspecto ou em que circunstâncias o sujeito gramatical existe ou se apresenta [Como verbo predicativo, é por vezes **considerado de sentido vazio e desempenhando apenas função de ligação entre o sujeito e o predicado (predicativo)**; as acepções deste grupo, portanto, devem ser entendidas não como significados estritos e precisos do verbo em si, mas como significados ‘totais’ do predicado, que não se excluem necessariamente, podendo combinar-se.] **1.4 pred.** ter a referência ou o significado incluído ou implicado pelo significado ou referência de (falando de nomes, designações, **expressões** etc.); constituir o mesmo objeto, entidade ou ideia (us., ger. em definições, para afirmar ou estabelecer identidade ou equivalência entre palavras, termos, **expressões**, ou entre aquilo que eles designam, descrevem ou qualificam) **1.6 pred.** ter a mesma importância ou valor que; representar; ter significado, função, aspecto, efeito etc. equivalente ou relativamente comparável ao de (outra coisa) [us. tb. **em metáforas, analogias, sínimes** etc., <nosso planeta é como um grão de poeira no cosmo> **4** us. para caracterizar algo ou alguém mencionado na oração, **associando-o a uma ideia sugerida (em geral, figuradamente) por um substantivo** [...]. (HOUAISS, 2007) (grifos nossos).

As notações em negrito na definição esclarecem que o verbo ser “é por vezes considerado de sentido vazio e desempenhando apenas função de ligação entre o sujeito e o predicado (predicativo)”. Isso pode explicar sua ausência junto a certas expressões com sentido figurado na nominata do dicionário Houaiss e, provavelmente, pelo mesmo motivo na macroestrutura do dicionário UNESP. Exemplifica-se a afirmação com algumas UFz que figuram nos dois dicionários monolíngues, por exemplo, *uma anta; um asno; um besta; um pé de boi; o cabra da peste; um cavalo; um cavalo de batalha; um cabra da peste; uma cobra; uma coruja; uma fera; um elefante branco*; entre muitas

outras expressões com essa configuração que necessitam do verbo ser para seu uso.

Outro exemplo é o da UFz “estar com a cachorra” que se inicia pelo verbo estar registrada dessa forma no dicionário UNESP. Pela orientação e exemplo da UF “matar dois coelhos com uma cajadada”, dever-se-ia procurar pelo verbo “matar”. Transferindo essa orientação para a UFz “estar com a cachorra” procurou-se no verbo “estar”, no entanto, contrariando o exemplo dado na introdução, a UFz foi ordenada pelo substantivo “cachorro” e não pelo verbo.

No caso do monolíngue Houaiss observaram-se as regras de entrada das locuções e frases feitas⁹ conforme as orientações introdutórias a seguir:

32.7 Regras da entrada das locuções e da fraseologia no dicionário - Duas disposições foram levadas em consideração quanto à ordem de entrada de sintagmas locucionais em seu campo específico no verbete.

32.7.1 Regra de preferência da classe gramatical - As locuções e frases feitas entram sempre pelo seu substantivo ou pelo seu primeiro *substantivo* (ou qualquer palavra usada como tal). Quando não há substantivos, entram pelo primeiro *verbo*; se não existirem estas duas classes, pelo primeiro *adjetivo*; caso não haja nenhuma destas três classes, pelo primeiro *pronome*; e em último caso, pelo primeiro *advérbio* existente na locução. A ordem de preferência, portanto, é: *substantivo, verbo, adjetivo, pronome, advérbio*.

As palavras e expressões *algo*, *alguém*, *uma coisa* etc., quando não fazem parte necessária e invariável da expressão, não podem ser computadas: dar (algo) **panos** para as mangas; comer (alguém) o **pão** que o diabo amassou.

O mesmo ocorre com os verbos usados como auxiliares: fazer descer.

32.7.2 Regra de alfabetação das locuções dentro do verbete [...] (HOUAISS, 2007, p. xxiv) (grifo do dicionário).

A ordem que se procurou verificar, em primeiro lugar, foi a da busca pelo substantivo da expressão, entendendo por isso o primeiro substantivo presente na UFz, e, em segundo lugar, a da busca pelo verbo. Observou-se também que, na versão digital, as locuções só apareciam na tela, quando fosse escolhido o modo tradicional de apresentação, o que pode confundir o usuário em sua busca.

Nas instruções apresentadas, o Houaiss informa que as locuções e frases feitas entram sempre pelo substantivo ou pelo seu primeiro substantivo (ou qualquer palavra usada como tal). Quando não há substantivos, entram

⁹ Ver em nota anterior a explicação dada para a expressão “frases feitas”. Ver mais sobre o assunto em: SILVA, JOSÉ PEREIRA DA. Ensaios de Fraseologia. Rio de Janeiro, Dialogarts, 1998.

pelo primeiro verbo; Com apoio nessas orientações, efetuou-se o estudo das UFz que é registrado a seguir:

Ficar/ estar uma arara

Na análise da UFz “ficar/ estar uma arara” constata-se que a entrada da UFz no Houaiss segue a orientação fornecida, ou seja, entra pelo substantivo arara (e curiosamente, a expressão figura da forma apresentada, ou seja, com os verbos de ligação). No UNESP as orientações iniciais indicam que a entrada é feita pela palavra lexical, seja ela substantivo ou verbo. No caso da UFz “ficar/ estar uma arara” o UNESP a registra no lema arara, com a composição “uma arara”, diferentemente do Houaiss, que a registra “ficar/estar uma arara”. Apesar de o registro da UFz no dicionário UNESP não constar os verbos ficar/estar, a abonação fornecida leva a expressão toda: “O prefeito ‘ficou uma arara’ com o resultado da reunião”, que, aliás, é a maneira como normalmente se encontra essa unidade fraseológica nas conversas informais.

Estar/ficar entregue às baratas

Constata-se na busca pela UFz “estar/ficar entregue às baratas” que a entrada dessa unidade segue a orientação fornecida no Houaiss, ou seja, ela se dá pelo substantivo barata. Verifica-se, porém, que o dicionário monolíngue UNESP não segue suas orientações iniciais que indicam que a entrada é feita pela palavra lexical, seja ela substantivo ou verbo. No caso da UFz “estar/ficar entregue às baratas”, o registro é feito no lema *barata*, pois a UFz figura no dicionário UNESP com a composição “às baratas”, sem o verbo de ligação “estar” e o particípio “entregue”. Caso a UFz estivesse completa, ou seja, “entregue às baratas”, seu ordenamento seguiria a primeira palavra lexical (portanto, pelo verbo). Apesar de o registro da UFz ser apresentado como “às baratas”, a abonação fornecida pelo dicionário UNESP emprega o particípio: “Quando chegou, a chácara parecia ‘entregue às baratas’”.

Ficar besta

Com relação à UFz “ficar besta”, constata-se que o Houaiss não a registra e que o UNESP registra apenas a acepção de besta no sentido figurado, dando-se a entrada pelo lema besta. No entanto, na abonação, a expressão aparece completa: “Fiquei besta quando soube que Liana veio do Rio só para me ver”, o que comprova a popularidade da expressão.

Estar com a cachorra

O dicionário Houaiss registra a expressão “com a cachorra” pelo substantivo cachorra. Ao se buscar no dicionário UNESP constata-se que a UFz “estar com a cachorra” está registrada no lema cachorro. Considera-se uma alternativa satisfatória o ordenamento pelo substantivo; no entanto, com referência ao UNESP, tem-se indecisão no que diz respeito à busca pelo substantivo, uma vez que outra UFz similar “estar no mato sem cachorro”, grafada dessa forma no UNESP, entra pelo lema “estar”.

Apesar de a UFz “estar com a cachorra” ser grafada completa em sua composição, o que é fator positivo, ela não é registrada pela primeira palavra lexical “estar” que é uma das alternativas oferecidas, conforme as orientações do UNESP, pelo verbo. A abonação confirma a composição da UFz que utiliza o verbo estar: “Meu irmão “está hoje com a cachorra”, já brigou com todo mundo”.

Pegar o touro à unha

Verifica-se na busca pela UFz “pegar o touro à unha” que o dicionário UNESP registra parte da UFz, ou seja, “à unha”, no lema unha com o sentido de “sem instrumentos, desarmado”, que vem a ser o sentido da expressão maior “pegar o touro à unha” ou ainda como a registra o Houaiss “pegar o touro pelos chifres”. A falta de consenso quanto à delimitação morfológica das UFz nos dicionários monolíngues pesquisados obriga o consultante a uma busca por todos os componentes da UFz para lograr êxito na obtenção das definições.

Os dados apresentados podem demonstrar alguns achados significativos sobre o tópico em discussão. Outro dado que pode ser observado é com respeito à delimitação morfológica das UFz em que se observam algumas divergências em ambos os dicionários. No quadro abaixo é possível visualizar a diferença presente na constituição das UFz nos dois dicionários monolíngues:

| UNESP | HOUAISS |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| <i>uma arara</i> | <i>estar ou ficar uma arara</i> |
| <i>estar com a cachorra</i> | <i>com a cachorra</i> |
| <i>estar no mato sem cachorro</i> | <i>no mato sem cachorro</i> |
| <i>às baratas</i> | <i>entregue às baratas</i> |
| <i>como um patinho</i> | <i>cair como um patinho</i> |
| <i>vacas gordas</i> | <i>tempo das vacas gordas</i> |
| <i>vacas magras</i> | <i>tempo das vacas magras</i> |
| <i>para boi dormir</i> | <i>conversa para boi dormir</i> |

Fig. 1 – Divergências na delimitação morfológica de algumas UFz nos dicionários UNESP (2004) e Houaiss (2007)

As diferenças apresentadas na delimitação de UFz não parecem seguir um padrão, pois ora é o dicionário UNESP que não registra, por exemplo, o verbo de ligação como elemento de composição da UFz (*uma arara*) e ora é o dicionário Houaiss que não o registra (*com a cachorra*, *no mato sem cachorro*). Em outros exemplos do quadro observa-se a falta de alguns dos elementos presentes nas UFz, se comparados um com o outro, por exemplo, no dicionário Houaiss tem-se “*cair como um patinho*”, “*tempo das vacas gordas*”, “*tempo das vacas magras*”, “*conversa para boi dormir*”, ao passo que no dicionário UNESP tem-se “*como um patinho*”, “*vacas gordas*”, “*vacas magras*”, “*para boi dormir*”, o que comprova serem necessários mais estudos no sentido de se dar a conhecer onde exatamente começa e onde termina uma UFz.

Considerações finais

A análise apontou algumas dificuldades quanto à localização das UFz nos dicionários monolíngues. Observa-se que no dicionário UNESP algumas instruções iniciais com relação ao ordenamento das UFz não são seguidas. A consequência disto é que os usuários desse dicionário certamente terão dificuldade ao tentar localizar a UFz desejada, perdendo tempo nessa busca. Some-se a isso o fato de as UFz serem compostas por várias palavras gráficas, algumas delas com delimitações distintas de um dicionário para o outro, o que pode induzir o usuário ao erro por ele não ter informações adequadas sobre por qual componente a unidade fraseológica fará sua entrada no ordenamento geral do dicionário.

Os aspectos apresentados, ainda que seja uma pequena amostra, servem para mostrar a necessidade de outras pesquisas que visem a objetivos similares ao que desenvolvemos neste campo do saber.

Referências Bibliográficas

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

ORTIZ ÁLVAREZ, Maria Luiza. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira**. Tese de doutorado em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. Dicionário de expressões idiomáticas ou dicionário fraseológico? **Línguas e Letras** (CECA/Cascavel) 2.2: 83-96, 2001.

_____. **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia**. Campinas: Pontes, 2012.

PÉREZ, María Isabel Santamaría. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. Tesis de Doctorado, 2000.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Fraseologias zoonímicas relativas a peixes, cetáceos e crustáceos: um estudo comparativo entre o português do Brasil e o alemão. **Anais do SILLIC - I Simpósio Internacional de Lexicografia e Linguística Contrastiva.** 2011.

SILVA, José Pereira da. **Ensaios de Fraseologia.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 1998.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. **Expressões Idiomáticas e Convencionais.** São Paulo: Ática, 1989.

UNESP / BORBA, F. S. **Dicionário UNESP de português contemporâneo.** São Paulo: UNESP, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários – Uma pequena introdução à Lexicografia.** Brasília, DF: Thesaurus, 2004.

_____. **Panorama geral da lexicografia pedagógica.** Brasília: Thesaurus, 2008.

_____. Lxicografia Pedagógica: Definições, História, Peculiaridades. In: XATARA, Cláudia Maria; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLE, Philippe (orgs.). **Lexicografia Pedagógica, Pesquisas e Perspectivas.** UFSC/NUT, 2008.

XATARA, Cláudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa.** 42 (n.esp.): p. 147-159, 1998.